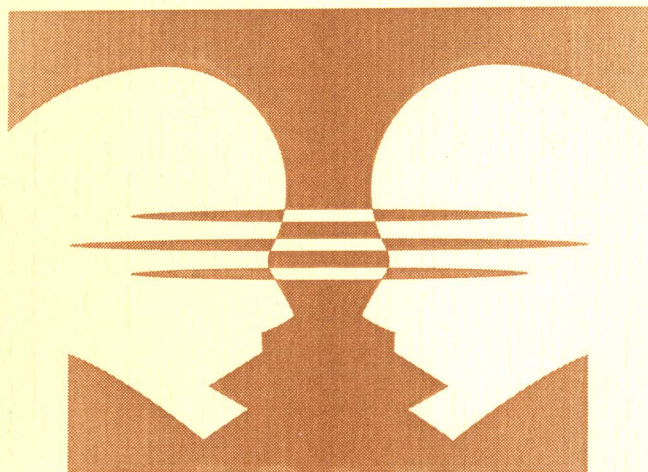


UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ODONTOLOGIA DE BAURU



**V J O R N A D A
F O N O A U D I O L Ó G I C A**

"Profª Draª Maria Inês Pegoraro Krook"

A N A I S

DE 23 A 26 DE SETEMBRO DE 1998

COMISSÃO ORGANIZADORA

PRESIDENTE

Adriana Cristina Alves

VICE-PRESIDENTE

Flávia Alves Winckler de Oliveira

SECRETÁRIA GERAL

Jussara Melo Vieira

COMISSÃO FINANCEIRA

Mirela Gardenal

Roberta Aparecida Yue

COMISSÃO CIENTÍFICA

Juliana Straioto de Souza

Melissa Alves dos Santos

Mirela Gardenal

COMISSÃO SOCIAL

Lilian Cristina Berehulka

Melissa de Oliveira Melchior

Flávia Alves Winckler de Oliveira

Talita Patrícia de Melo Delfino

Patrícia Lanieli Campos

COMISSÃO DE DIVULGAÇÃO

Alessandra Maria Duim

Roberta Aparecida Yue

Cláudia Daniele Pelanda

Jéssica Matheus

COMISSÃO COMERCIAL

Alethéa Bitar Silva

Flávia Muniz de Lima

COMISSÃO AUDIO-VISUAL

Helen Capeleto Francisco

Camila Alves Condé

Delta Regina Fernandes

Liége F. Tanamati

AGRADECIMENTOS

Prof. Dr. Aymar Pavarini - Diretor da FOB-USP

Prof. Dr. José Alberto de Souza Freitas (Tio Gastão)

Prof. Dr. Dagoberto Sottovia Filho - Prefeito do Campus USP-Bauru

Prof. Dr. Bernardo G. Vono - Coordenador do Curso de Fonoaudiologia

Profª Drª Kátia de Freitas Alvarenga Hanisch - Curso de Fonoaudiologia

Profª Drª Kátia Flores Genaro - Curso de Fonoaudiologia

João Crês Neto - Seção de Alunos

APOIO



*Prefeitura do Campus
Administrativo de Bauru*

banespa

Sukata Bar



**SAGAE
FORMATURAS**

BEKASSIN HOTEIS



**Hospital de Reabilitação das
Anomalias Crânio-Faciais
(Centrinho)**



**BAURU
SHOPPING**

ÍNDICE

PROGRAMAÇÃO CIENTÍFICA

FÓRUM CIENTÍFICO

Disfagia Neurogênica

Fga. Ana Maria Furfim

Dr^a Dayse Manrique

Fga. Roberta Gonçalves da Silva

CURSOS

Avaliação, Diagnóstico e Terapia dos Retardos da Linguagem 01

Dr. Jaime Luiz Zorzi

Terapia para Respirador Bucal 02

Fga. Irene Marchesan

Compressão e Processamento Automático de Sinal 03

Dr^a Maria Cecília Iório

Na Clínica com o Sujeito Disfônico 04

Dr^a Léslie Picolloto Ferreira

Atuação Fonoaudiológica em Casos Odontológicos 05

Dr^a Cláudia Maria de Felício

Processamento Auditivo: Avaliação e Reabilitação 06

PhD Eliane Schochat

Audiologia Educacional: Uma Opção Terapêutica para a Criança Deficiente Auditiva 07

Fga. Gisela Formigoni

MINI CURSOS

A Aplicação da Tecnologia Digital nos AASIs 08
Fga. Déborah Ferrari

Tratamento das Disfonias pelo Método de Acentuação 09
Profª Drª Maria Inês Pegoraro-Krook

Genética dos Distúrbios da Comunicação 10
Drª Célia Maria Giacheti
Dr. Antônio Richieri da Costa

Uma Proposta Alternativa de *Screening* do PAC 11
PhD Marisa Ribeiro Feniman

Emissões Otoacústicas nas Patologias Cocleares e Retrococleares 12
Fga. Ms. Carmen Zaramella Vono Coube

Procedimentos de Avaliação da Percepção da Fala 13
Fga. Ms. Andréa Cintra Lopes Orlandi
Fga. Eliane Ap. Tech Castiquini

Consciência Fonológica e as Dificuldades na Leitura e Escrita 14
Fga. Ms. Patrícia Abreu Pinheiro Crenitte

Avaliação da Linguagem na Ausência de Oralidade 15
Fga. Ms. Simone Rocha Vasconcelos Hage

TEMAS LIVRES

A Voz em indivíduos com deficiência auditiva neurosensorial profunda antes e após implante coclear: monitoramento e feedback 16
SIMÕES, J.M.; BRASOLOTO, A.G.; AMANTINI, R.B.;

BEVILACQUA, M.C.

Perfil audiológico de pacientes hipertensos 17
AUGUSTO, S.C.R.; CARVALHO, S.O.S.; MORAES-
BALDRIGHT, S.E.Z.

A deficiência auditiva na escola: uma proposta de 18
educação continuada para professores dos pacientes
atendidos na clínica de fonoaudiologia da UNESP-
Marília
TEIXEIRA, J.R.; DELGADO, E.M.C.

Comparação do desempenho nas provas de consciência 19
fonológica e de processamento auditivo central em
escolares de 2ª série
OBA, P.L.; CAPELLINI, S.A.

Estudo preliminar das habilidades auditivas em gagos 20
BARROSO, A.F.; FRIZZO, A.C.F.; REIS, A.C.M.B.

A fala e a linguagem de adultos portadores de Síndrome 21
de Down
ALVARENGA, A.S.L.; ALMEIDA, M.A.

Programa de reabilitação em disfagia orofaríngea 22
neurogênica e disartria mista: estudo de caso
FÉLIX, D.A.P.; SILVA, R.G.

Análise de uma proposta de intervenção em um 23
portador de Síndrome de Down com alterações vocais
ALVARENGA, A.S.L.; ALMEIDA, M.A.

Crianças com distúrbio da linguagem e sua relação 24
com a escola
MONJE, R.Y.P.R.; FARIA, M.E.B.; FRANCELIN, M.A.S.

Cluttering: história clínica 25
LIMA, M.H.T.; SILVA, A.P.C.; VALEZI, V.;
OLIVEIRA, C.M.C.

Síndrome Cri-Du-Chat: estudo de caso 26
SANTIAGO, G.; PARO, P.M.M.; SAES, S.O.;
LAMÔNICA, D.A.C.

Exercitador Labial: um aparelho para alongar e 27

tonificar os músculos orbiculares orais

JARDINI, R.S.R.

PAINÉIS

Identificação das dificuldades de discriminação da 28
fala com ruído competitivo em crianças com Distúrbios
fonoarticulatórios
ZANATO, E.A.; HENRIQUE, F.; MENDONÇA, M.P.C.

Triagem auditiva em crianças de zero a trinta e seis 29
meses em um consultório pediátrico
MIOTO, C.S.; CÔRTEZ, D.M.; GARCIA, C.F.D.

Achados audiológicos em indivíduos portadores do 30
vírus HIV
CALIL, D.B.; SOARES, R.R.L.; REIS, A.C.M.B.

Precauções na obtenção das mensurações in situ 31
BLASCA, W.Q.; ESCUDERO, W.A.; FERRO, A.P.L.P.;
MOTTI, T.F.G.; OLIVEIRA, J.R.M.; OLIVEIRA, V.V.

Orientação quanto ao uso de aparelho de amplificação 32
sonora individual e as dúvidas dos usuários: implicação
na utilização do aparelho
GARDENAL, M.; BEVILACQUA, M.C.

Síndrome de Apert: estudo da recepção auditiva 33
utilizando o Token Test
SILVA, A.B.; COSTA, A.R.; GIACHETI, C.M.;
FENIMAN, M.R.

Diagnóstico precoce de lesão coclear na Doença de 34
Menière
TIRANDENTES, J.B.; ALVES, R.P.C.; MASSARO, C.A.M.;
de AQUINO, A.M.C.M.; GARZÓN, J.C.V.; de OLIVEIRA,
J.A.A.

Ocorrência da deficiência auditiva na consangüinidade 35

no Centro de Distúrbios da Audição e Visão

FRANCISCO, P.A.; de VITTO, L.P.M.; FENIMAN, M.R.;
RICHIERI-COSTA, A.

Os dez mandamentos para uma boa voz

36

DUARTE, B.I.; TAIRUM, D.A.; REY, L.I.A.; CAPOCIAMA,
L.G.; PEDRO, M.T.F.A.V.

**Amamentação em bebês prematuros e/ou baixo peso
ao nascer**

37

SANCHES, M.T.C.; MONGES, J.S.; MOREIRA, L.S.;
FAKHORY, S.B.; RODRIGUES, S.J.

**Estudo comparativo da aquisição do arquifonema {R}
em pré-escolares das cidades de Bauru e Brasília**

38

SILVA, I.M.C.; ARAÚJO, I.O.A.; PEGORARO-KROOK, M.I.

**A habilidade da consciência fonológica em crianças
da pré-escola à 3ª série**

39

MENDES, E.L.; PINHEIRO-CRENITTE, P.A.

**Efetividade da proporção harmônico-ruído na
avaliação vocal de indivíduos fissurados**

40

MINATEL, E.; RUIZ, D.M.C.F.; FREITAS, J.A.S.

**A incidência dos distúrbios da comunicação humana
em 312 crianças pré-escolares da cidade de Lorena,
Estado de São Paulo**

41

ABDALA, D.D.; GONZAGA, P.M.S.; PINTO, T.H.;
RANGEL, C.M.P.C.; RODRIGUES, I.P.; SACALOSKI, M.

Estudo de um caso de encefalopatia mitocondrial

42

GARDENAL, M.; LAMÔNICA, D.A.C.

**Disfagia orofaríngea em indivíduos com Paralisia
Cerebral: identificação de sinais clínicos da fase
faríngea que caracterizam-se como indicadores de
risco para a eficiência da deglutição**

43

SHIBAYAMA, M.T.; PIERONI, R.; RENZO, G.B.; SOUZA,
A.; BRASIL, R.C.; SILVA, R.G.

Caracterização da fluência em indivíduo portador da

44

OLIVEIRA, C.M.C.

**Semiologia Afásica: sinais e sintomas que
comprometem a comunicação**

45

LAMÔNICA, D.A.C.; MARANHE, E.A.

"Os mais hábeis na arte de sonhar são também os mais hábeis na arte de realizar sonhos."

Inúmeras foram as dificuldades e obstáculos enfrentados até aqui, mas com os esforços de toda a comissão, a busca do "melhor" e apoio de muitos, organizamos este evento com o objetivo de unir idéias e conhecimentos no meio fonoaudiológico.

Aqueles que pesquisam e buscam sempre a renovação de ideais e dos conceitos que nos fazem venerar e admirar cada vez mais a complexidade da comunicação humana, nosso muito obrigado!

Sejam bem vindos à V Jornada Fonoaudiológica de Bauru!

Um abraço

Adriana Cristina Alves
Presidente da Comissão Organizadora

Cursos
(Resumos)

AVALIAÇÃO, DIAGNÓSTICO E TERAPIA DOS ATRASOS DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Dr. Jaime Luiz Zorzi

Diretor e Professor do CEFAC - SP

O objetivo desta apresentação é o de abordar questões ligadas ao desenvolvimento e às alterações da linguagem, acompanhando, inicialmente a evolução do processo geral de comunicação que, nas fases mais elementares constitui-se de forma não verbal. Porém, em termos evolutivos, a linguagem não é uma conduta independente, estando estreitamente relacionada ao desenvolvimento da inteligência e de habilidades de interação social. E é no sentido de buscar as relações entre comunicação, inteligência e socialização que estaremos caminhando a fim de possibilitar uma visão mais completa dos fatores que estão envolvidos no desenvolvimento normal da linguagem e, cujas alterações podem estar determinando, por outro lado, os distúrbios que denominamos como retardos ou atrasos.

Trabalhar com os distúrbios da linguagem em crianças pequenas implica conhecer o processo evolutivo normal que pode nos fornecer parâmetros para uma melhor compreensão de possíveis alterações. Tomando como base as condutas espontâneas das crianças ao manipularem ou explorarem objetos e se relacionarem com outras pessoas, podemos avaliar o desenvolvimento de aspectos comunicativos, cognitivos e sociais da criança pequena, com o objetivo maior de traçar seu perfil evolutivo mais geral e, desta forma, poder compreender de que modo pode estar sendo configurado o atraso que ela apresenta.

Falamos, portanto, em procedimentos para diagnóstico que, uma vez delineado, pode permitir uma intervenção terapêutica mais bem planejada, segura e eficiente. Duas grandes classes de alterações são apresentadas. Primeiramente, os atrasos de linguagem que fazem parte de atrasos mais globais do desenvolvimento, nos quais encontramos dificuldades não só do ponto de vista da comunicação, mas também quanto aos aspectos cognitivos e sociais. Em segundo lugar, podemos falar de uma outra categoria de problemas, mais centrados na área da linguagem, principalmente expressiva, sendo que os aspectos cognitivos estão preservados. Falamos, nestes casos, dos atrasos simples de linguagem.

Uma vez caracterizados os diferentes grupos de alterações, com suas configurações particulares, temos uma série de condições para planejar uma intervenção terapêutica moldada para o perfil evolutivo de cada criança visando otimizar seu desenvolvimento no que se refere aos aspectos cognitivos, sociais e comunicativos.

TERAPIA PARA RESPIRADOR BUCAL

Fga. Irene Queiroz Marchesan

Coordenadora e Professora do CEFAC - SP

O indivíduo que tem respiração mista ou bucal pode apresentar alterações significativas durante seu crescimento e desenvolvimento tanto a nível ósseo, dentário, quanto muscular. Pela diversidade da problemática encontrada, as vezes, necessitará da ajuda de mais de um especialista.

O otorrinolaringologista irá diagnosticar a causa e prescrever o melhor tratamento naquele momento; o ortodontista fará as correções dentárias necessárias seja interceptando ou corrigindo a má-oclusão ou redirecionando o crescimento crânio-facial, o fisioterapeuta atuará com as alterações de postura e o fonoaudiólogo reeducará as funções alteradas assim como irá garantir, através de treino e conscientização, o uso e a importância da respiração nasal.

É fundamental que todos os que trabalhem com o "Respirador Bucal", conheçam o que cada profissional das outras áreas, pode fazer por este paciente, assim como conheçam seus próprios limites. Devemos nos lembrar que o tratamento multidisciplinar pode atingir de forma mais global e mais benéficamente as alterações encontradas neste tipo de paciente. O tratamento multidisciplinar tem levado a menores chances de recidivas, principalmente na ortodontia.

Importante ressaltar que nem todos os pacientes terão todas as alterações e não obrigatoriamente, necessitarão de atendimento multidisciplinar. O diagnóstico bem feito mais a noção do que cada um de nós pode fazer pelo caso, nos dirá se devemos ou não encaminhar para outro profissional e quando isto deve ocorrer.

Quem mais tem ganho com a sistematização de toda a problemática envolvida neste quadro, e com os resultados dos trabalhos conjuntos, têm sido os pacientes que, ao serem atendidos por profissionais melhor preparados, podem ter consciência dos danos ocasionados pela respiração bucal e tratar precocemente.

COMPRESSÃO E PROCESSAMENTO AUTOMÁTICO DO SINAL

Dr^a Maria Cecília Martinelli Iorio

Chefe da Disciplina de Distúrbios de Audição da Universidade Federal de São Paulo - EPM

Compressão ou Controle Automático de Ganho (AGC) é um sistema utilizado para descrever a redução automática do ganho da prótese auditiva a partir de um determinado NPS de entrada, normalmente para evitar um nível de saída excessivamente intenso. O resultado é uma razão de entrada e saída da prótese menor do que 1:1. O ganho é reduzido por outros meios que não o corte de picos. Os instrumentos de compressão têm um circuito de monitorização em algum ponto do circuito, que automaticamente reduz o ganho da prótese de acordo com a magnitude do sinal. Se este circuito estiver localizado antes do controle de volume, diz-se que a prótese auditiva tem um sistema de compressão de entrada (AGC-I), se ao contrário situa-se depois do controle de volume temos um sistema de compressão de saída (AGC-O).

A compressão pode ser descrita em termos de suas características estáticas e dinâmicas.

As características estáticas da compressão, a grosso modo, dizem respeito à forma como o ganho é modificado em função da variação do sinal ambiente. Elas referem-se ao:

LIMAR DE COMPRESSÃO que é o menor nível no qual a compressão é ativada.

ÁREA DE COMPRESSÃO é a área onde a compressão opera.

RAZÃO DE COMPRESSÃO é a razão existente entre a mudança no NPS de entrada e a mudança no nível de saída da prótese. Indica o grau de compressão do sinal.

As características dinâmicas são o tempo de ataque e o tempo de recuperação que expressam em milissegundos, o tempo que a compressão leva para ser ativada ou desativada.

Os instrumentos com processamento automático de sinal podem ser classificados em resposta de frequências fixa (FFR) ou resposta de frequências dependente do nível do sinal de entrada (LDFR). Os sistemas de resposta de frequências fixa mantêm uma resposta de frequências constante independentemente do sinal de entrada, ou seja, todas as frequências serão, igualmente, mais ou menos comprimidas. A compressão tradicional ou AGC se enquadra nesta categoria. Os sistemas LDFR tem uma resposta de frequências que varia em função do nível de entrada resultante de uma combinação de filtros e de compressão.

NA CLÍNICA COM O SUJEITO DISFÔNICO

Dr^a Léslie Piccolotto Ferreira

Professora Titular da Faculdade de Fonoaudiologia e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia da PUC-SP

A maior integração entre os avanços tecnológicos, tanto aqueles que permitem melhor visualização do trato vocal, quanto aqueles que permitem melhor análise acústica da voz, parecem ser os principais fatores responsáveis pelo interesse crescente nos estudos, pesquisas e trabalhos envolvendo as questões relacionadas a voz.

No trabalho fonoaudiológico com o disfônico podemos destacar três formas de atuação: o clínico terapêutico (que na sua maioria ainda está centrado no atendimento individual de disfônicos, em clínicas particulares e alguns hospitais); um procedimento preventivo (com o objetivo de, através de ações coletivas, promover a saúde vocal da população em geral, e mais especificamente dos chamados profissionais da voz) e por último, um procedimento de aperfeiçoamento (também chamado de aprimoramento, treinamento ou estética, que consiste num trabalho de adequar o uso vocal do profissional da voz ao cotidiano profissional).

Na formação do fonoaudiólogo, a idéia de que a voz é o resultado de fatores orgânicos, psicológicos e sociais, sempre foi compreendida e aceita, embora, no momento de efetivação do processo terapêutico, provavelmente em função da forte herança da Medicina que recebemos, privilegiássemos apenas os aspectos puramente orgânicos.

Ultimamente, a nossa preocupação, no momento da avaliação, tem sido buscar um equilíbrio entre a descrição e a interpretação dos achados. Frente à complexidade dessa atividade, parece-nos claro que a avaliação acaba se constituindo num processo, que tem o sujeito disfônico também como um agente participante.

Finalizando, o fonoaudiólogo, ao atender um disfônico, deve ter em mente o tempo todo que aquele sujeito, com sua voz, vive e produz sob o impacto de uma dinâmica, e portanto deverá criar estratégias para que o sujeito, mais do que entender o processo, descubra-o, dialogue no caminho de soluções, modificando-se.

ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA EM CASOS ODONTOLÓGICOS

Dr^a Cláudia Maria de Felício

*Coordenadora do Curso de Fonoaudiologia da UNAERP
Fonoaudióloga da Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto*

Em diversos casos odontológicos ocorrem desordens estruturais e funcionais, o que exige um enfoque terapêutico capaz de abranger os diversos aspectos da questão. Portanto, o objetivo do trabalho fonoaudiológico, juntamente com o odontológico, é desenvolver ou restabelecer o equilíbrio morfo-funcional do sistema estomatognático.

O fonoaudiólogo, realizando trabalhos na área de motricidade oral, estimula o sistema para que as funções de respiração, mastigação, deglutição, fala e o próprio repouso ocorram de acordo com padrões de normalidade. Ao mesmo tempo, o cirurgião-dentista propiciando melhores condições oclusais contribui para que os impulsos periféricos, que modulam as funções, atuem de maneira positiva.

Esta parceria pode se dar em diversos níveis e com pacientes de várias clínicas, dentre elas, odontopediatria, ortodontia, desordens temporomandibulares e prótese dentária. Para isso, o fonoaudiólogo tem procurado superar sua própria formação, buscando compreender e adquirir os conhecimentos e o vocabulário da área odontológica, reorganizando seu próprio conhecimento, para tornar possível o diálogo com o outro profissional, bem como a resolução dos problemas que se propõe a tratar. Discutiremos sobre os conhecimentos básicos para esta atuação e sobre a prática propriamente dita.

PROCESSAMENTO AUDITIVO: AVALIAÇÃO E REABILITAÇÃO**PhD Eliane Schochat**

*Profª Assistente Doutora do Departamento de Clínica Médica da FMUSP -
Curso de Fonoaudiologia*

Embora os testes que avaliam lesões ou disfunções no Sistema Nervoso Auditivo Central (SNAC) tenham sido descritos desde a década de 50, apenas nos últimos 10 anos começaram a ser utilizados no Brasil. Será feita uma revisão dos mesmos, descrevendo o procedimento e achados mais significativos, assim como destacar os que se encontram disponíveis em Português.

Processamento Auditivo é a decodificação e interpretação das ondas sonoras desde a orelha externa até o córtex auditivo, o que fazemos com o que ouvimos (Katz e col., 1992).

Entre os eventos que percebemos através da audição, a fala é o mais importante e, nesta habilidade, o indivíduo conta com redundâncias intrínsecas e extrínsecas; as intrínsecas são as múltiplas vias que cruzam, outras não, e as fontes de informação que o ouvido humano possui para processar a fala. Basicamente, cada neurônio decide se vai ou não transmitir o impulso. As redundâncias extrínsecas referem-se às numerosas pistas sobrepostas, dentro da própria língua: pistas acústicas, sintáticas, semânticas, morfológicas e lexicais, as quais nem sempre são necessárias; porém, quando a mensagem está sendo dita em local não ideal de escuta, como por exemplo, com excesso de ruído ambiente e/ou reverberação, estas redundâncias passam a ser de grande valia para a inteligibilidade da fala. Normalmente, os indivíduos têm bom desempenho quando apenas uma destas redundâncias está presente. Essa é a base para uma grande parte dos testes que avaliam o processamento auditivo: reduzir as redundâncias extrínsecas, já que o que se quer avaliar são as intrínsecas.

É difícil descrever qual teste deve ser aplicado em cada situação, assim como quantos testes serão necessários para se obter um diagnóstico de certeza, cabendo ao clínico esta decisão.

AUDIOLOGIA EDUCACIONAL: UMA OPÇÃO TERAPÊUTICA PARA A CRIANÇA DEFICIENTE AUDITIVA**Fga. Gisela Maria Pimentel Formigoni**

O curso é direcionado a profissionais que visam o desenvolvimento da linguagem oral nas crianças portadoras de deficiência auditiva, através do uso da função auditiva.

Família:

A importância da família dentro do processo educacional e terapêutico da criança deficiente auditiva. Sendo que o trabalho de orientação aos pais ou responsáveis decisivo para o sucesso da proposta educacional ou terapêutica.

Princípios Básicos para a Habilitação ou a Reabilitação da Criança Deficiente Auditiva.

Dentro da abordagem aural - oral, esses princípios são básicos e necessários para que o trabalho possa ser desenvolvido de forma apropriada.

- Detecção e Intervenção Precoce
- Amplificação
- Desenvolvimento da Função Auditiva
- Integrar
- Comunicação
- Etapas das Habilidades Auditivas
- Avaliação
- Escola

Procedimento Terapêutico Aural - Oral

A criança necessita de um trabalho terapêutico que proporcione o desenvolvimento das habilidades auditivas.

Esse trabalho deve ocorrer dentro de uma sequência gradativa de dificuldades:

- Detecção Auditiva
- Discriminação Auditiva
- Reconhecimento Auditivo
- Compreensão Auditiva

Opções Educacionais:

- Tipos de Atendimento ao Deficiente Auditivo:
 - Atendimento Individual
 - Atendimento em grupo
 - Atendimento individual e em grupo
- Escola

**A APLICAÇÃO DA TECNOLOGIA DIGITAL NOS APARELHOS
DE AMPLIFICAÇÃO SONORA INDIVIDUAIS (A.A.S.I.).**

Ega. Deborah Viviane Ferrari.

Professora do Curso de Fonoaudiologia da UNIP - Campus S. José do Rio Preto.

Colaboradora do Centro de Pesquisas Auditológicas - HRACF - USP.

Os sistemas de amplificação utilizados para minimizar os efeitos das deficiências auditivas datam de vários séculos atrás. O homem sempre buscou o aprimoramento destes sistemas com a finalidade de obter, em síntese, maior fidelidade da amplificação; maior flexibilidade para compensar as características das perdas auditivas e também atender as necessidades estéticas dos indivíduos deficientes auditivos.

Historicamente observa-se que a efetividade dos Aparelhos de Amplificação Sonora Individuais (A.A.S.I.) aumentou rapidamente, especialmente quando tecnologias elétrica e eletrônica se tornaram disponíveis para a fabricação dos mesmos. Mais recentemente, a introdução da tecnologia digital na fabricação dos A.A.S.I.'s acendeu um interesse considerável entre os profissionais que se dedicam à (re)habilitação dos deficientes auditivos, visto que esta pode trazer recursos não antes alcançados por meio do uso da eletrônica convencional.

Nesta palestra serão abordadas as características dos diferentes Aparelhos de Amplificação Sonora Individuais existentes na atualidade: os que se utilizam da tecnologia analógica ("aparelhos analógicos"); híbrida ("aparelhos digitalmente programáveis") e digital ("aparelhos totalmente digitais"), sendo oferecida uma maior ênfase para estes dois últimos. O objetivo é alcançar um nível de compreensão das diferenças existentes entre estes dispositivos que leve à apreciação e julgamento mais confiável e crítico das potencialidades e limitações dos mesmos.

**TRATAMENTO DAS DISFONIAS PELO MÉTODO DE
ACENTUAÇÃO****Profª Drª Maria Inês Pegoraro-Krook**

*Docente do Curso de Fonoaudiologia da FOB/USP
Fonoaudióloga responsável pelo Laboratório de Fonética Experimental
do HRACF - USP*

O método de acentuação foi desenvolvido pelo foniatra, fonoaudiólogo e foneticista dinamarquês, professor Svend Smith, por volta do ano de 1936. É um método dinâmico de reabilitação vocal que envolve todos os músculos respiratórios e fonatórios. Utiliza exercícios rítmicos baseados na contração ativa dos músculos abdominais, constituindo-se de vocalizações acentuadas e não-acentuadas. Com isso, o padrão vibratório das pregas vocais é gradualmente modificado em direção a uma maior elasticidade na função fisiológica da fala. O resultado do tratamento será uma função vocal ótima, com perfeito equilíbrio entre a pressão subglótica e a atividade glótica. A estrutura acústica da fonação terá harmônicos mais intensos e conseqüentemente, maior flexibilidade acústica da voz e aumento da inteligibilidade da fala serão obtidos.

GENÉTICA DOS DISTÚRBIOS DA COMUNICAÇÃO**Drª Célia Maria Giacheti**

Docente do Curso de Fonoaudiologia da UNESP-Marília

Dr. Antônio Richieri da Costa

*Departamento de Genética Clínica do Hospital de Reabilitação das
Anomalias Crâniofaciais -USP*

A atuação fonoaudiológica, junto ao serviço de genética clínica, tem sido, há alguns anos, uma realidade no Hospital de Reabilitação de Anomalias Crâniofaciais da Universidade de São Paulo, da cidade de Bauru.

Esta idéia deu-se em razão da necessidade de estabelecermos paralelos entre fenótipo e alterações de comunicação que eram observados em grande número de pacientes que procuravam o serviço de diagnóstico fonoaudiológico.

O avanço da fonoaudiologia e da genética, enquanto ciências complementares, tem merecido atenção por parte dos profissionais e essa união contribui para o estudo da comunicação humana e seus distúrbios nos pacientes com síndromes genéticas.

A caracterização dos sinais e sintomas fonoaudiológicos, a busca do diagnóstico etiológico e a constatação de sequelas biológicas, psíquicas, sociais e culturais justificam a preocupação, cada vez mais constante, de tentar entender e desvendar etiologias genéticas que acarretam distúrbios da comunicação.

O interesse por parte dos fonoaudiólogos em atender pacientes sindrômicos surgiu em função do variado espectro de manifestações que envolvem as síndromes.

A cognição e a linguagem encontram-se frequentemente alteradas na Síndrome de Down e na síndrome do cromossomo X-Frágil. Síndromes, como a de Turner, a de Williams e outras que cursam com fissura lábio-palatina também acometem a fonoarticulação. Na Síndrome de Waardenburg e de BOR podemos encontrar problemas auditivos que acarretam distúrbios da comunicação.

**UMA PROPOSTA DE SCREENING DO PROCESSAMENTO
AUDITIVO CENTRAL****PhD Prof^a. Dr^a. Marisa Ribeiro Feniman**

*Docente do Curso de Fonoaudiologia da FOB/USP
Pesquisadora do HRACF - Setor de Genética Clínica e Projeto Flórida*

Desordem do processamento auditivo central (DPAC) pode ser definida como a incapacidade ou habilidade prejudicada para prestar atenção, discriminar, reconhecer ou compreender informação apresentada auditivamente, apesar da audição e inteligência serem normais. Estas dificuldades, são mais pronunciadas na presença de sons competitivos ou ambiente acústico pobre. Este mini-curso tem como proposta apresentar o SCAN e o SCAN-A, ambos desenvolvidos por Keith, 1986 e 1994, respectivamente. O SCAN-um teste *screening* para DPAC foi desenvolvido especificamente para crianças. É composto de três subtestes, escolhidos para obter informação nas áreas mais relevantes para as habilidades do processamento auditivo. São eles: Palavras Filtradas, Figura-Fundo Auditiva e Sentenças Competitivas. O SCAN-A é designado tanto para adolescentes como para adultos. Com adolescentes, pode ser usado para determinar se as dificuldades do processamento auditivo central estão contribuindo para suas dificuldades acadêmicas, além de fornecer a informação necessária para desenvolver um plano educacional individualizado. Em adulto pode determinar se um problema de processamento auditivo está impedindo a habilidade do indivíduo desempenhar adequadamente seu trabalho, ou se um problema de processamento auditivo central existe como um resultado de doenças ou trauma.

**EMISSÕES OTOACÚSTICAS NAS PATOLOGIAS COCLEARES
E RETROCOCLEARES****Fga. Ms.Carmen Z. Vono Coube**

*Docente do Curso de Fonoaudiologia - FOB/USP
Pesquisadora do Centro de Pesquisas Auditológicas do Hospital de
Reabilitação de Anomalias Craniofaciais / USP.*

As células ciliadas externas, quando estimuladas pelo som, contraem-se, aumentando o deslocamento da membrana basilar e amplificando assim, o estímulo fornecido para as células ciliadas internas. Estas estimularão o nervo VIII, que enviará o sinal para as vias auditivas centrais, onde a mensagem será processada e interpretada. O teste de emissões otoacústicas é ideal para a avaliação da função coclear (especificamente células ciliadas externas). Este participa ativamente do diagnóstico diferencial nas patologias cocleares e retrococleares.

O objetivo deste trabalho é revisar o processo fisiológico envolvido na origem das emissões, as classes de emissões otoacústicas e suas aplicações clínicas, em especial os produtos de distorção.

PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO DA PERCEPÇÃO DA FALA**Fga. Ms. Andréa Cintra Lopes Orlandi**

*Prof^a Convidada do Curso de Fonoaudiologia da FOB/USP
Fonoaudióloga do HRACF/USP e Doutoranda em D. C. H. pela FOB/USP*

Fga. Eliane Ap. Tech Castiquini

*Docente do Curso de Fonoaudiologia da USC
Fonoaudióloga do HRACF/USP e Mestranda em D.C.H. pela PUC-SP*

O interesse em avaliar a percepção da fala, nos mostra a preocupação dos profissionais que trabalham nesta área em desenvolver novos procedimentos que tenham o objetivo de avaliar as habilidades auditivas da criança deficiente auditiva profunda.

No Brasil, muitos procedimentos foram adaptados e elaborados com a finalidade de auxiliar a indicação do AASI e do implante coclear, avaliar a eficácia desses dispositivos e avaliar o progresso das habilidades auditivas do paciente inserido no programa de habilitação ou reabilitação auditiva.

O nosso objetivo será apresentar os procedimentos de avaliação da percepção da fala desenvolvidos no Centro de Pesquisas Audiológicas, HPRLLP - USP, Bauru, para a avaliação de crianças deficientes auditivas profundas:

- ORLANDI (1996) adaptou para o português o Early Speech Perception Test (Geers, Moog, 1990). Denominado Teste de Avaliação da Capacidade Auditiva Mínima, destina-se a avaliação de crianças com idade entre 02 e 06 anos;
- BEVILACQUA, TECH (1997) elaboraram um procedimento com diferentes provas para a avaliação de crianças com idade entre 05 e 10 anos;
- DELGADO (1997) elaborou lista de palavras dissílabas visando avaliar o reconhecimento de palavras em crianças com idade entre 05 e 10 anos.

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E AS DIFICULDADES NA LEITURA E ESCRITA**Fga. Ms. Patrícia A Pinheiro Crenitte**

*Docente do Curso de Fonoaudiologia - USC
Professora convidada do Curso de Fonoaudiologia da FOB- USP
Doutoranda em Neurociências pela UNICAMP*

O termo "Consciência fonológica" refere-se ao domínio da habilidade de dividir palavras em segmentos separados da fala, habilidade essa chamada "segmentação do fonema". Essa capacidade tem sido considerada como um importante pré-requisito para a leitura, porque para entender o alfabeto é necessário que a criança esteja consciente dos sons das palavras. Bryant e Bradley (1985) destacam que, embora qualquer criança de 3 anos ouça e entenda a diferença entre as palavras gato e rato, ou entre gato e galo (palavras que diferem em apenas um fonema), isto não quer dizer que elas tenham consciência fonológica. Pelo contrário, de início, elas podem ser completamente inconscientes da existência de segmentos de sons nas palavras. Já se observou que o aspecto mais importante da fala, para criança é seu sentido. É apenas quando começam a aprender a ler que as crianças passam a perceber os sons dentro das palavras, e é nesse estágio que as crianças com dificuldade na leitura e escrita são particularmente vulneráveis: palavras permanecem, para eles indivisíveis e impenetráveis.

Comparações entre crianças com dificuldades na leitura/ escrita e crianças mais novas, com a mesma idade de leitura, mostram que as crianças com D.L.E. tem um desempenho pior em testes de consciência fonológica do que as outras crianças. Estes testes são auditivos e envolvem tarefas de subtração ou adição de fonemas, produção de rimas, detecção de rima, aliteração, categorização de sons e muitas outras tarefas.

**AValiação DA Linguagem NA Ausência DA
Oralidade**

Profª Ms. Simone Rocha de Vasconcellos Hage

*Docente do Curso de Fonoaudiologia da FOB/USP e do Curso de
Fonoaudiologia da Universidade do Sagrado Coração*

A avaliação de crianças que não apresentam linguagem oral é uma prática freqüente e necessária na clínica fonoaudiológica. Assim, uma concepção de linguagem que lhe atribui, além de uma função cognitivo-lingüística, uma função comunicativa, tem sido relevante na investigação dessas crianças, pois permite analisar a linguagem na ausência de estruturas lingüísticas.

O primeiro passo para uma investigação desta natureza é adotar um construto teórico sobre linguagem que possibilite entender a origem dos comportamentos comunicativos não verbais e sua relação com a oralidade. Assim como é fundamental estabelecer critérios para uma investigação de natureza observacional.

Aponta-se nesta explanação aspectos a serem considerados numa avaliação de linguagem na ausência da oralidade, como: intencionalidade, funcionalidade, tipo e freqüência dos meios de comunicação. Também, discute-se a relevância desses aspectos para o diagnóstico diferencial dos distúrbios de linguagem em crianças.

Temas Livres

(Resumos)

**A VOZ EM INDIVÍDUOS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA
NEUROSENSORIAL PROFUNDA ANTES E APÓS O
IMPLANTE COCLEAR: MONITORAMENTO E FEEDBACK**

**SIMÕES, J.M.; BRASOLOTTO, A.G.; AMANTINI, R.B.; BEVILÁCQUA,
M.C.**

*Centro de Pesquisas Audiológicas - HRACF
Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Odontologia de Bauru/USP*

Um bom resultado de qualidade vocal depende, dentre outros fatores, do monitoramento auditivo, por meio do qual é possível controlar aspectos vocais como: articulação, entonação, ritmo, intensidade vocal, ressonância e velocidade de fala. Nesse trabalho estudou-se a voz de indivíduos adultos os quais apresentam perda de audição neurosensorial profunda adquirida no período pós-lingual, sendo que foram levantadas suas características vocais antes da realização do implante coclear e após a ativação do mesmo em diferentes períodos. Encontrou-se importantes modificações das características vocais após a ativação do implante coclear, podendo-se constatar que o feedback auditivo é fundamental para a obtenção de uma voz harmoniosa e que o restabelecimento de uma audição útil por meio do implante traz notáveis benefícios à voz desses indivíduos.

PERFIL AUDIOLÓGICO DE PACIENTES HIPERTENSOS

AUGUSTO, S.C.R.; CARVALHO, S.O.S.; MORAES - BALDRIGHI,
S.E.Z.

Universidade do Sagrado Coração - Bauru

Avaliou-se otorrinolaringologicamente e audiológicamente 42 pacientes hipertensos, de ambos os sexos na faixa etária de 30 à 90 anos. Tais avaliações foram realizadas também em um grupo controle de mesmo sexo e faixa etária, sem antecedentes otorrinolaringológicos, hormonais, metabólicos, auditivos e/ou vestibulares. Os resultados revelaram diferenças significativas entre as amostras, sendo que observou-se prevalência de perda auditiva de diferentes graus nos hipertensos. Observou-se alto percentual de perdas neurossensoriais e queixas referentes à zumbido, desequilíbrio e incomodo em ambiente ruidoso, daí a importância de se realizar acompanhamento audiológico em pacientes hipertensos.

A DEFICIÊNCIA AUDITIVA NA ESCOLA: UMA PROPOSTA
DE EDUCAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORES DOS
PACIENTES ATENDIDOS NA CLÍNICA DE
FONOAUDIOLOGIA DA UNESP - MARÍLIA

TEIXEIRA, J.R., DELGADO, E.M.C.*

Universidade Estadual Paulista - Campus Marília

Crianças deficientes auditivas apresentam uma grande variedade de características e necessidades. Crianças com o mesmo grau de deficiência auditiva não podem ser consideradas da mesma maneira, haja visto que cada caso possui comportamentos auditivos e necessidades distintas (Erber, 1974). As deficiências auditivas diferem em termos de causas, localização, grau, tempo de aquisição dessa deficiência, tipo de intervenção e no desenvolvimento psicossocial. Para que o atendimento de crianças deficientes auditivas se realize de forma adequada deve haver um trabalho integrado entre pais, terapeuta, criança e professor. O trabalho integrado e a confiança que a família deposita nos terapeutas, professores e nos demais profissionais envolvidos com a criança são chaves fundamentais para o sucesso do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças deficientes auditivas (Bevilacqua e Formigoni, 1997). O objetivo desse trabalho foi analisar quais os conhecimentos que as professoras envolvidas com crianças deficientes auditivas possuíam e elaborar um programa de orientação às mesmas. O trabalho foi desenvolvido com professores que acompanham crianças deficientes auditivas que são atendidas na Clínica de Fonoaudiologia da UNESP-Marília. Foi realizada entrevista com as professoras baseada em roteiro de perguntas. A análise das entrevistas demonstrou a necessidade de orientações específicas sobre a criança deficiente auditiva. Dessa forma, elaborou-se um programa de orientação que foi realizado durante 5 encontros perfazendo um total de 20 horas, no qual abordou-se aspectos pertinentes a deficiência auditiva na infância.

*Orientadora

COMPARAÇÃO DO DESEMPENHO NAS PROVAS DE CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E DE PROCESSAMENTO AUDITIVO CENTRAL EM ESCOLARES DE 2ª SÉRIE.

OBA, P.L.; CAPELLINI, S.A.

Universidade Estadual Paulista - Campus Marília

De acordo com a abordagem neuro-cognitivista o processo de Aprendizagem está vinculado à integridade dos processos mentais superiores - discriminação, percepção e memória. Segundo a literatura tanto a leitura quanto a escrita requerem uma consciência da estrutura fonológica interna das palavras sendo que na leitura em específico, o sistema visual é o responsável por identificar letras e observar suas posições enquanto o nível de fonema representará os sons individuais da fala, porém a conexão entre letras e sons não deve se restringir a associações individuais de grafemas a fonemas pois o objetivo da leitura normal é compreender o que está sendo lido. O presente estudo tem o objetivo de comparar o desempenho de escolares de 2ª série nas provas de Consciência Fonológica e Processamento Auditivo Central a fim de verificar o que esperar para tal faixa etária, observando também a correlação entre ambos e a sua implicação no processo de desenvolvimento da leitura. Para a realização desta pesquisa foram aplicados o Teste de Consciência Fonológica e a Triagem do Processamento Auditivo Central em 13 crianças de 2ª série, sem queixas auditivas e histórico de fracasso escolar. Solicitou-se também a leitura de uma estória seguida de questões a fim de verificar a capacidade de compreensão e interpretação destas crianças. Ao final do estudo verificou-se que as crianças com alterações no Processamento Auditivo Central apresentaram baixos escores nas provas de Consciência Fonológica e dificuldades na compreensão da leitura, observou-se ainda que crianças com baixos escores em Consciência Fonológica, mesmo com o Processamento Auditivo Central normal, apresentaram dificuldades na leitura. Concluímos em nossa pesquisa que a Consciência Fonológica encontra-se diretamente relacionada ao processo de desenvolvimento da leitura, podendo este ser agravado devido a um déficit em relação ao Processamento Auditivo Central.

ESTUDO PRELIMINAR DAS HABILIDADES AUDITIVAS EM GAGOS

BARROSO, A.F.*; FRIZZO, A.C.F.*; REIS, A.C.M.B.**

Universidade de Franca

O objetivo do trabalho é realizar um levantamento das habilidades auditivas e sua influência na produção de fala, mas especificamente, na manutenção da fluência.

Teóricos organicistas acreditam que a gagueira é decorrente de problemas de dominância cerebral, retardo na mielinização cortical de fala, e feedback acústico retardado entre outras. Segundo MCKNIGHT e CULLINAN(1997) IN VAN RIPER e EMERICK(1997), crianças disfluentes podem apresentar anomalias nas ondas cerebrais e dificuldades de coordenação determinadas por fatores orgânicos que interferem no monitoramento da fala sequencial.

Esse trabalho foi desenvolvido, basicamente, em duas etapas: revisão bibliográfica e coleta de dados numa mostra de onze pacientes(sete do sexo masculino e cinco do sexo feminino) portadores de distúrbio da fluência. Realizou-se: entrevista(PEREIRA,1997-adaptado), observação da dominância hemisférica cerebral(HARRIS,1958), avaliação audiológica, imitancimetria e triagem do processamento auditivo central.(PEREIRA,1993). A pesquisa deu-se na clínica escola da Universidade de Franca. O registro das etapas foi cursivo e em vídeo.

Observou-se uma quantidade significativa de dados na entrevista, que confirmavam a sintomatologia de distúrbio do processamento auditivo e fluência. Nas triagens do processamento auditivo central, duas apresentaram alterações. Apesar destes achados, os dados significantes da entrevista, confirmam a necessidade de desenvolver outros trabalhos de investigação nesta área, colaborando para o diagnóstico e alternativas na habilitação/reabilitação dos distúrbios da fluência.

* discente da Universidade de Franca

** docente da Universidade de Franca

A FALA E A LINGUAGEM DE ADULTOS PORTADORES DE SÍNDROME DE DOWN

ALVARENGA, A.S.L.*; ALMEIDA, M.A.**

Universidade Federal de São Carlos

Este trabalho tem proposto como objetivo descrever a comunicação oral de indivíduos adultos portadores de Síndrome de Down, afim de entender o desenvolvimento da fala e da linguagem que pode ser alcançado pelos mesmos. Foram critérios de seleção dos participantes que os mesmos tivessem entre 20 e 40 anos, algum grau de escolaridade concluído ou que fossem alfabetizados e que tivessem hábitos comuns de indivíduos adultos ou uma rotina diária mais próxima de um adulto, como trabalho ou preparo para o mesmo. A coleta de dados foi realizada através de uma entrevista com o participante e um responsável, avaliação dos órgãos fonoarticulatórios, avaliação da comunicação oral, provas específicas de fonética e fonologia e de percepção auditiva. O trabalho está na fase de análise dos dados e os resultados encontrados até então evidenciam que a fala desses indivíduos apresenta na sua maioria alterações pouco significativas quanto a produção dos fonemas. Quanto a linguagem, ficou evidente que a dificuldade na compreensão é menor que a existente na expressão. A elaboração e expressão de idéias parece estar significativamente mais comprometida que a compreensão porém, não o suficiente para prejudicar o caráter funcional da linguagem, como impedi-los de manter um diálogo com coerência, narrar experiências vividas ou comunicar-se com pessoas estranhas e serem compreendidos. Verificou-se ainda que a comunicação oral dos indivíduos com algum grau de escolaridade concluído, em alguns aspectos, apresentam-se superiores aos do grupo de alfabetizados sem escolaridade.

* Discente do Programa de Pós Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos - Bolsista pelo CNPq

** Docente do Programa de Pós Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos.

PROGRAMA DE REABILITAÇÃO EM DISFAGIA OROFARÍNGEA NEUROGÊNICA E DISARTRIA MISTA: DESCRIÇÃO DE CASO.

FÉLIX, D.A.P.*; SILVA, R.G.**

Universidade Estadual Paulista - Campus Marília

Este trabalho tem por objetivo descrever um programa de reabilitação fonoaudiológica para disfagia orofaríngea neurogênica e disartria mista em adulto.

O indivíduo, sexo masculino, 30 anos de idade, 3º grau completo, foi encaminhado a clínica de Fonoaudiologia da Universidade Estadual Paulista no 2º semestre de 1997, com a queixa de dificuldades de fala.

O indivíduo foi submetido a avaliação fonoaudiológica clínica. Para a avaliação da disfagia orofaríngea foi utilizado o Protocolo ROGS e a disartria foi avaliada por meio de provas que basearam-se em critérios de inteligibilidade de fala. Nesta avaliação o paciente apresentou disfagia moderada e severo comprometimento da inteligibilidade de fala.

Nossa proposta terapêutica para disfagia orofaríngea incluiu gerenciamento, técnicas de estimulação térmica para o reflexo de deglutição (utilizou-se instrumento desenvolvido pela terapeuta) e manobras voluntárias de deglutição. A disartria foi trabalhada com técnicas para coordenação pneumo-fonoarticulatória, monitoramento e ritmo. Elaborou-se ainda material educativo para formação e informação do familiar que foi treinado como "agente reabilitador".

Após 4 meses neste programa de reabilitação a disfagia encontra-se em grau leve e gerenciada, ou seja, sem riscos para a eficiência da deglutição. A fala atual do paciente apresenta-se inteligível, tendo o mesmo desenvolvido o monitoramento do ritmo de sua própria fala, melhor controle pneumo-fonoarticulatório e apresentando significativa melhora da inteligibilidade de fala. O paciente encontra-se em fase de adaptação para a conclusão da alta fonoaudiológica.

Desta forma, constatamos que, o programa de reabilitação proposto, baseado em critérios de independência e preocupado em garantir a educação do paciente e do agente reabilitador, foi capaz de garantir eficientes melhoras e auxiliar os envolvidos a compreenderem a verdadeira função da reabilitação nestes casos.

* Discente do 4º Ano do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Estadual Paulista-UNESP-Campus de Marília.

** Docente do departamento de Fonoaudiologia da Universidade Estadual Paulista-UNESP-Campus de Marília.

ANÁLISE DE UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM UM PORTADOR DE SÍNDROME DE DOWN COM ALTERAÇÕES VOCALIS

ALVARENGA, A.S.L.*; ALMEIDA, M.A.**

Curso de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos

Este estudo tem como objetivo, investigar qual a possibilidade de mudança do padrão vocal de um portador de Síndrome de Down através de uma proposta de intervenção envolvendo o indivíduo e a sua mãe. Participaram deste trabalho uma jovem portadora de Síndrome de Down (p.1) e sua mãe (p.2). Foram realizadas avaliações e observações de comportamento e de relatórios. Os dados foram anotados em folhas específicas para este fim. Foi elaborado também um procedimento para a intervenção cujos resultados foram submetidos à uma análise qualitativa a fim de se verificar as possíveis mudanças no padrão vocal da p. 1 ocorridas a partir da realização do mesmo. O resultado da intervenção mostrou que, dos doze itens da avaliação, p.1 apresentou melhora em sete deles, em três não houve mudança por não serem trabalhados tendo em vista que já se apresentavam em condições normais. Um dos aspectos não alterado não fazia parte do objetivo deste trabalho. E, por fim, apenas um dos aspectos vocais alterados que talvez pudesse se beneficiar das técnicas propostas não apresentou mudança. Com a realização deste estudo pôde-se mostrar que é possível obter uma mudança no padrão vocal de um portador de Síndrome de Down a partir de uma proposta de intervenção envolvendo o indivíduo e sua mãe (o que pode ser generalizado para qualquer membro da família que se disponha a acompanhar o processo terapêutico).

* Discente do Programa de Pós Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos - Bolsista pelo CNPq (Autora)

** Docente do Programa de Pós Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (Orientadora)

CRIANÇAS COM DISTÚRPIO DA LINGUAGEM E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA

MONJE, R.Y.P.*; FARIA, M.E.B.**; FRANCELIN, M.A.S.**

Clínica de Fonoaudiologia FOB-USP

RESUMO: Através da nossa atuação como bolsista na área de Serviço Social na Clínica de Fonoaudiologia FOB-USP, pudemos levantar algumas questões instigantes sobre a situação de crianças portadoras de distúrbios da linguagem, frente a relativa ausência de escolas preparadas para o seu atendimento. Assim elaboramos uma pesquisa onde pudemos conhecer a filosofia que norteia os projetos pedagógicos das escolas, verificamos quais os fatores que levam ao não cumprimento, por parte dessas da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Levantamos junto aos pais, se as escolas estão atendendo às necessidades educacionais básicas a que se propõem. Trata-se de uma pesquisa exploratória através de documentos e pesquisa bibliográfica voltada para os temas de distúrbio da linguagem, saúde, educação e Serviço Social. Percebemos que as escolas não tem projetos pedagógicos voltados para a criança especial. A lei existe mas nem sempre é cumprida e não tem o real comprometimento a essa causa. Os pais tem pouco conhecimento a respeito dos direitos dos filhos e, desconhecem as leis e os projetos pedagógicos das escolas. Evidenciou-se alguns desencontros na comunicação dos profissionais com os pais e vice-versa sendo esse o espaço para nós Assistentes Sociais trabalharmos, no sentido de poder dispor de mais tempo para ouvi-los e passar-lhes informações concretas.

* Autora

** Orientadora

CLUTTERING: HISTÓRIA CLÍNICA

LIMA, M.H.T.*; SILVA, A.P.C*; VALEZI, V.*; OLIVEIRA, C.M.C.**

Universidade Estadual Paulista - Campus Marília

Poucos estudos têm se dedicado a estudar cluttering, talvez pelos seguintes fatores: o distúrbio parece ser mais raro; não há precisão da definição; e, ocorre divergência quanto às manifestações clínicas presentes no cluttering entre os profissionais da área. A proposta desta pesquisa é caracterizar os dados relevantes da anamnese de clutters, por meio da aplicação de um protocolo especialmente elaborado, a partir de um referencial teórico, para este estudo. O protocolo foi aplicado em 7 clutters, com idade que variou entre 4 anos e 8 meses a 34 anos, da Clínica de Fonoaudiologia da UNESP – Campus de Marília, e as sessões duraram em média 30 minutos. Os resultados demonstraram algumas características comuns a todos os casos como o sexo (masculino), a falta de percepção do distúrbio antes de outras pessoas chamarem a atenção; a queixa dos ouvintes, caracterizada como indivíduos que falam rápido; o fato de prestar atenção na fala revelou ser um fator de melhora da fala; e, quanto à redação, todos os casos (com exceção da criança) apresentaram dificuldades. Seis casos citaram dificuldade na escrita, e cinco casos relataram dificuldade na leitura. Os resultados mostraram a importância da análise dos dados da anamnese para uma melhor compreensão da patologia, e para fornecer subsídios para a elaboração de planejamentos terapêuticos.

* Discentes do curso de fonoaudiologia da UNESP

** Docente do curso de Fonoaudiologia da UNESP - Marília.

PARO, P.M.M.*; SANTIAGO, G.*; SAES, S.O.*; LAMÔNICA, D.A.C.**

Universidade do Sagrado Coração - Bauru

A Síndrome Cri-du-chat, conhecida como Síndrome do Miado do Gato é caracterizada por uma deficiência parcial do braço do cromossomo 5, apresentando como manifestações: baixo peso ao nascimento, crescimento lento, choro lembrando miado do gato, hipotonia muscular, oligofrenia, microcefalia, face redonda, hipertelorismo, epicaneto, posição antimongolóide das fendas palpebrais, estrabismo geralmente divergente, orelhas com implantação baixa, cardiopatia congênita, tórax axial distal e ausência de linguagem oral em sua evolução.

O objetivo do presente estudo foi a realização de avaliação fonoaudiológica de um sujeito do sexo feminino, com oito meses de idade, diagnosticado como sendo portador da Síndrome Cri-du-chat.

A partir das avaliações de linguagem e da audição, observou-se atraso no desenvolvimento da linguagem, quanto à recepção e expressão oral. A avaliação audiológica, aponta para alteração de Processamento Auditivo Central.

Considerando-se as alterações encontradas, assim como as previstas para esta síndrome, é de extrema importância que o diagnóstico seja realizado precocemente, bem como o início do processo terapêutico.

* Universidade do Sagrado Coração

** Universidade de São Paulo - Bauru

JARDINI, R. S. R. **

Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP

A reeducação miofuncional peri-oral tem sido um grande desafio para a clínica fonoaudiológica, pois concentra alterações fonoarticulatórias, dentofaciais, estéticas e também respiratórias. Muitos profissionais têm proposto soluções e métodos para essa correção, usando-se da criatividade, adaptando e "emprestando" uma grande variedade de materiais, nem sempre adequados e funcionais.

O Exercitador Labial foi idealizado na intenção de acrescentar à terapêutica fonoaudiológica, um aparelho capaz de concentrar, reduzir o número e aumentar a eficácia dos exercícios propostos para a reeducação miofuncional peri-oral. Seu uso é indicado para os pacientes respiradores bucais; portadores de hábitos viciosos bucais; deglutição atípica e/ou adaptada; mordida aberta anterior e outros, que freqüentemente apresentam os sintomas de encurtamento do lábio superior, lábios evertidos, hipofuncionantes e hipotônicos.

O Exercitador Labial é um dispositivo que contém duas bases acrílicas, unidas por duas hastes paralelas, de fio de aço inoxidável, produzindo um efeito mola. As bases acrílicas são acopladas aos vestibulos orais superior e inferior, permitindo a exercitação dos músculos envolvidos pelo fechamento voluntário dos lábios e oclusão do aparelho. Foram analisados 10 pacientes que usaram o Exercitador Labial tanto em terapia como em seus lares, durante 6 meses, com o uso diário por 3 meses e esporádico nos meses seguintes. Os dados colhidos demonstraram que, com o uso, há um significativo alongamento dos músculos orbiculares orais marginais (vermelhão dos lábios) e periféricos (acima de 3 mm) e também aumento na sua tonicidade (por observação direta).

* Exercitador Labial: aparelho idealizado pela fonoaudióloga Renata Savastano Ribeiro Jardim, confeccionado pelo MEGALABOR, laboratório de próteses de Araraquara (protético responsável: Larissa Arnoldi Galhardo CRO 457/97), e atualmente produzido e comercializado pela Pró-Fono Produtos Especializados para Fonoaudiologia Ltda.

** Fonoaudióloga pela Escola Paulista de Medicina - Universidade Federal de São Paulo.

O estudo completo desse trabalho consta na Pró-Fono, R. Atual. Ci., 10(2), 1998 (no prelo).

Painéis**(Resumos)**

IDENTIFICAÇÃO DAS DIFICULDADES DE DISCRIMINAÇÃO DA FALA COM RUÍDO COMPETITIVO EM CRIANÇAS COM DISTÚRBIOS FONOARTICULATÓRIOS (D.F.)**ZANATO, E.A.*; HENRIQUE, F.*; MENDONÇA, M.P.C.*****Universidade de Franca*

O processamento auditivo central (P.A.C.) é a capacidade de analisar e interpretar sons viabilizando a aquisição e desenvolvimento da linguagem e o uso do código lingüístico, tanto na forma oral, quanto na escrita.

Conforme alguns autores (Katz, 1992; Boothroyd, 1986; Pereira, 1996) os indivíduos com alteração de P.A.C. podem apresentar dificuldades de linguagem, fala, leitura e escrita, e comportamentais. As dificuldades de fala observadas nos indivíduos com Desordem de P.A.C. são caracterizadas como Distúrbio Fonoarticulatório, descrito por PANHOCA (1996) como uma fala comprometida por substituições fonêmicas.

O objetivo deste trabalho foi identificar a relação entre as habilidades perceptuais auditivas (P.A.C.) das crianças com Distúrbio Fonoarticulatório.

O trabalho foi desenvolvido no setor de audiologia da Clínica de Fonoaudiologia da Universidade de Franca. Os sujeitos foram indivíduos em idade escolar entre 08 e 11 anos de idade que apresentam Distúrbio Fonoarticulatório.

O desenvolvimento do trabalho foi realizado em duas etapas: a) Seleção dos sujeitos - utilizou-se os seguintes procedimentos: Anamnese, Avaliação Otorrinolaringológica, Audiológica e do P.A.C. ; b) Aplicação do Teste de Fala com Ruído - cujo objetivo foi verificar se os indivíduos selecionados conseguiam discriminar auditivamente os estímulos de fala de fala, quando estes eram apresentados simultaneamente a um ruído competitivo ipsilateralmente.

Os resultados demonstraram que os indivíduos com Desordem de P.A.C. e D.F. têm maiores dificuldades em discriminar a fala com ruído competitivo conforme é descrito na literatura.

* Discentes da Universidade de Franca

** Docente da Universidade de Franca

TRIAGEM AUDITIVA EM CRIANÇAS DE ZERO A TRINTA E SEIS MESES EM UM CONSULTÓRIO PEDIÁTRICO**MIOTO, C.S.*; CÔRTEZ, D.M.*; GARCIA, C.F.D.*****Universidade de Franca*

De acordo com AZEVEDO (1997), o processo de maturação do sistema auditivo central ocorre durante o primeiro ano de vida, pois, neste período, a plasticidade é maior, portanto a experiência auditiva torna-se imprescindível para assegurar o desenvolvimento normal da audição e da linguagem. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo ressaltar a importância do diagnóstico precoce da deficiência auditiva promovendo, conseqüentemente, uma adequada intervenção, a qual permita uma minimização dos efeitos prejudiciais da deficiência auditiva devendo ser realizada uma triagem auditiva.

O presente estudo foi desenvolvido em um consultório de pediatria, onde se atende pacientes conveniados e particulares, no município de Jardinópolis - S.P. , no período de 19 de junho à 21 de agosto de 1998. A população deste estudo constitui-se em crianças de zero a trinta e seis meses de idade cronológica, sendo 17 do sexo masculino e 11 do sexo feminino. Os materiais e instrumentos utilizados foram: medidor de ruído, autorização, roteiro de perguntas, otoscópio, roteiro de avaliação, guizo, palmas, reco-reco, sino, ganzá, black-black, agogô pequeno e grande, prato, tambor, brinquedos, audiômetro pediátrico (PA-2). Os resultados encontrados foram: das 28 crianças triadas, três apresentaram um atraso em nível de desenvolvimento auditivo normal, interferindo conseqüentemente, no desenvolvimento de linguagem. De acordo com os resultados obtidos, nota-se a importância da detecção precoce da deficiência auditiva, ressaltando a necessidade da atuação do Fonoaudiólogo de forma precoce em tais casos, e da integração do trabalho fonoaudiológico juntamente ao trabalho pediátrico.

* Discente do Curso de Fonoaudiologia da Universidade de Franca

** Docente da Universidade de Franca

ACHADOS AUDIOLÓGICOS EM INDIVÍDUOS PORTADORES DO VÍRUS HIV**CALIL, D.B.*; SOARES, R.R.L.*; REIS, A.C.M.B.*****Universidade de Franca*

O objetivo deste trabalho foi identificar a relação do uso dos medicamentos com achados audiológicos em pacientes portadores do vírus HIV do Ambulatório de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) do Posto de Saúde de Franca.

Para BIRCHALL et al (1992), as etiologias da perda auditiva nos portadores do vírus HIV podem ser por viroses, herpes simples, sífilis, hepatite B, herpes Zoster e toxoplasmose. A ototoxicidade também inclui-se no quadro das etiologias.

Segundo TSENG et al (1997), os portadores do vírus HIV correm o risco de apresentar alterações auditivas como um fator secundário de infecções oportunistas ou por ototoxicidade (devido as drogas antiretrovirais).

O material desse estudo foi composto pelo levantamento dos dados da população avaliada audiológicamente em maio/98, que foram atendidos no Ambulatório de DST do Posto de Saúde de Franca.

Participaram deste estudo 12 sujeitos portadores do vírus HIV, sendo oito do sexo masculino e quatro do sexo feminino, assintomáticos, com idade variando entre 22 e 49 anos.

Os resultados encontrados mostram que apenas um dos sujeitos apresentou uma perda auditiva de grau leve na orelha direita. Os demais sujeitos enquadram-se dentro dos padrões de normalidade. Os medicamentos utilizados pelos sujeitos foram: AZT, 3TC, DDC, DDI, Citonavir, Slavudina, Ritonavir, Fluconazol, Indinavir e Inivirase.

Embora a literatura relata que as alterações auditivas neurossensoriais secundárias por ototoxicidade dos medicamentos antiretrovirais e antibióticos utilizados no tratamento de infecções oportunistas, neste trabalho não foi possível observar tais alterações.

* Alunas do quarto ano de Fonoaudiologia da Universidade de Franca

** Docente orientadora da Universidade de Franca

PRECAUÇÕES NA OBTENÇÃO DAS MENSURAÇÕES IN SITU

BLASCA, W.Q.; ESCUDERO, W.A.; FERRO, A.P.L.P.; MOTTI, T.F.G.; OLIVEIRA, J.R.M.; OLIVEIRA, V.V.

Hospital de Reabilitação de Anomalias Crâniofaciais (HRACF) USP-CEDALVI

ALMEIDA, COSTA, COUTO (1996) ressaltam que a condição na qual o AASI é avaliado no local, denomina-se mensuração in situ, no espaço existente entre a ponta do molde auricular e a membrana timpânica.

Tal método proporciona medidas rápidas, objetivas, com alta credibilidade na avaliação global das características eletroacústicas do AASI.

Na prática clínica alguns fatores são fundamentais para que o resultado seja fidedigno. O ambiente de teste, o sinal de teste, a profundidade de inserção do tubo sonda, o método de calibração, entre outros, devem ser cuidadosamente selecionados.

Neste procedimento existem algumas limitações como: mínima quantidade de cerumem no conduto auditivo externo ocluindo a extremidade do orifício do tubo sonda; ocorrência de feedback; colaboração passiva do paciente, interferindo na obtenção dos resultados.

O objetivo deste estudo é mostrar, através de revisão de literatura juntamente com a prática clínica, as precauções na realização da mensuração in situ, para obter resultados reais.

MOTTI, Telma (Chefe Cedalvi)

BLASCA, Wanderléia (Responsável setor AASI – Cedalvi)

OLIVEIRA, Valdeia (Fonoaudióloga Audio Educacional – Cedalvi)

OLIVEIRA, Jerusa (Fonoaudióloga Audio Educacional - Cedalvi, mestranda)

FERRO, Ana Paula (Fonoaudióloga Audio Educacional Cedalvi)

ORIENTAÇÃO QUANTO AO USO DE APARELHO DE AMPLIFICAÇÃO SONORA INDIVIDUAL E AS DÚVIDAS DOS USUÁRIOS: IMPLICAÇÃO NA UTILIZAÇÃO DO APARELHO

GARDENAL, M.; BEVILACQUA, M. C.

Centro de Pesquisas Audiológicas - HRACF

Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Odontologia de Bauru/USP

Este trabalho tem como objetivo verificar a necessidade do uso de um manual de orientação para usuários de Aparelho de Amplificação Sonora Individual (AASI) e, assim, propô-lo como instrumento a ser usado por profissionais e usuários. Para isso, relacionou-se o tipo de orientação recebida ou assimilada pelo usuário na adaptação e a ocorrência de dúvidas na solução dos defeitos simples do aparelho. Foram avaliados 22 sujeitos portadores de deficiência auditiva, usuários de AASI, dependentes do tempo de uso, ou seja, indivíduos recém-adaptados (menos que 1 ano), com tempo médio (de 1 a 4 anos) e com maior tempo de adaptação (à partir de 5 anos). Os 22 indivíduos receberam orientações gerais de manuseio do AASI e não apresentaram dúvidas quanto a este aspecto e, dentre eles, apenas 5 receberam orientação específicas de defeitos e soluções. Neste segundo grupo todos souberam identificar e solucionar os problemas apresentados pelos seus aparelhos. Os resultados nos direcionam a entender que o manual deve abordar, com igual importância, tanto as orientações de uso como de defeitos e soluções e que o uso do mesmo é necessário para reforçar as orientações praticadas pelo audiologista na adaptação. Num segundo momento, realizou-se a análise qualitativa do manual proposto por esta pesquisa, usando a mesma população, onde verificou-se que o texto é de fácil leitura e contém informações necessárias ao correto uso do AASI e à solução dos defeitos técnicos simples. Este trabalho foi realizado no departamento de indicação e adaptação de AASI do Centro de Atendimento aos Distúrbios da Audição, Linguagem e Visão (CEDALVI) do Hospital de Pesquisa de Lesões Lábio-Palatais, USP, Bauru.

SÍNDROME DE APERT: ESTUDO DA RECEPÇÃO AUDITIVA UTILIZANDO O TOKEN TEST.**SILVA, A.B., COSTA, A.R., GIACHETI, C.M., FENIMAN, M.R.***Setor de Genética Clínica do Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais - Universidade de São Paulo*

A síndrome de Apert apresenta sinais clínicos como: craniosinostose irregular, malformações da porção média da face, sindactilia das 4 extremidades.

O objetivo deste trabalho consiste na caracterização da recepção auditiva de indivíduos com a síndrome de Apert utilizando o Token Test, além disso, foi delineado o quadro clínico da síndrome. Foram avaliados 21 indivíduos de ambos os sexos, com idade variável de 5 a 16 anos, sendo 7 portadores da síndrome de Apert, regularmente matriculados no Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais da Universidade de São Paulo, Bauru-SP, e os demais fizeram parte do grupo controle.

O processo de avaliação constituiu-se de: análise dos prontuários no que se refere a anamnese fonoaudiológica, avaliação genético-clínica, avaliação audiológica e avaliação da recepção da linguagem oral.

Nesta síndrome pode ocorrer: retardo mental, perda auditiva e déficit visual, acarretando possíveis alterações da linguagem.

A avaliação da recepção auditiva revelou que 57,14% dos indivíduos com a síndrome de Apert apresentavam alterações na recepção auditiva, enquanto que no grupo controle, apenas 28,57%. Contudo, os casos de recepção normal em indivíduos com malformações craniofaciais e do sistema nervoso central, podem indicar que nem sempre a presença dessa anomalia desencadeia alterações na área avaliada.

DIAGNÓSTICO PRECOCE DE LESÃO COCLEAR NA DOENÇA DE MENIÈRE**TIRADENTES, J.B.; ALVES, R.P.C.; MASSARO, C.A.M.; DE AQUINO, A.M.C.M.; GARZÓN, J.C.V.; DE OLIVEIRA, J.A.A.***Universidade de Franca**Departamento de Otorrinolaringologia e Oftalmologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP*

As emissões otoacústicas foram primeiramente observadas pelo inglês David Kemp, em 1978, o qual as definiu como liberação de energia sonora originada na cóclea, que se propaga pela orelha média, até alcançar o conduto auditivo externo.

As EOAs são indicadas na avaliação de diversas cocleopatias. É uma técnica promissora para o diagnóstico auditivo por ser simples, rápida e não invasiva (Isaac, M.L.; Aquino, A.M.C.M., 1998). Apresentamos o caso clínico de N.N.(32a.), que há 1 ano apresentou quadro de hipoacusia súbita leve, zumbido contínuo de tonalidade grave plenitude em orelha esquerda, concomitante com tontura rotatória. A audiometria tonal mostrou perda auditiva leve em frequências graves tipo neurosensorial em ouvido esquerdo. A timpanometria, o reflexo do estapédio e o IRF estavam normais em ambas as orelhas.

Atualmente o paciente encontra-se com limiares tonais normais e não apresentou novas crises, porém o exame de EOA Produtos de distorção (EOA-PD) mostra nítida assimetria entre as orelhas direita e esquerda, com alterações nas frequências graves correspondentes àquelas relacionadas a flutuação neurosensorial na audiometria tonal, sendo que os dois outros tipos de EOA foram normais.

O paciente citado neste trabalho apresentou um quadro diagnosticado como sendo típico de doença do Menière inicial. A EOA mostrou-se alterada nas frequências correspondentes a flutuação auditiva por provável alteração do micromecanismo hidrodinâmico e biomecânico (Horner e Cazals, 1989).

Na doença de Menière inicial pode ocorrer alterações tardias nas EOA nas frequências correspondentes àquelas da flutuação que não são correlacionadas aos limiares auditivos encontrados na audiometria tonal. Assim, as EOA podem mostrar alterações cocleares na doença de Menière inicial que ainda não são detectadas na audiometria tonal e exames convencionais.

OCORRÊNCIA DA DEFICIÊNCIA AUDITIVA NA CONSANGÜINIDADE NO CENTRO DE DISTÚRBIOS DA AUDIÇÃO E VISÃO¹.

FRANCISCO, P.A.²; DE VITTO, L.P.M.³; FENIMAN, M.R.⁴; RICHIERI-COSTA, A.

*Setor de Genética Clínica e Fonoaudiologia do Hospital de Reabilitação das
Anomalias Crânio Faciais - Centro de Distúrbios da Audição e Visão-
Universidade de São Paulo- Campus- Bauru*

Dentre as perdas auditivas de etiologia genética, temos o fator consangüinidade como relevante acontecendo com uma alta frequência na população mundial. A consangüinidade refere-se à união de pessoas aparentadas, sempre com um ancestral em comum. Com o propósito de acrescentar maiores informações sobre a relação entre consangüinidade e perda auditiva, foi realizado um trabalho que reuniu estudos audiológicos dos indivíduos filhos de casais consangüíneos no Centro de Distúrbios da Audição e Visão do HRACF-USP-Bauru. Realizamos o levantamento de 1003 prontuários de pacientes de ambos os sexos, sem limite de idade, atendidos e matriculados neste centro. Selecionamos 25 indivíduos com deficiência auditiva, filhos de casais consangüíneos. Analisamos a anamnese e avaliações audiológicas presentes nos prontuários. A partir desta análise, observamos que a ocorrência de deficientes auditivos quanto ao grau de consangüinidade dos pais foi maior para os primos de primeiro grau (48%), o que é esperado. Verificamos que a maioria dos indivíduos selecionados apresentaram perda auditiva do tipo neurossensorial com grau variando de moderado a profundo e bilateral. A meningite, prematuridade, eritroblastose fetal e exposição ao ruído foram fatores intercorrentes que ocorreram concomitante à consangüinidade. Concluímos que dos 25 indivíduos deficientes auditivos filhos de casais consangüíneos, 19 estão associados a consangüinidade sem intercorrências, o que na amostra representa ocorrência de 1,89% de deficientes auditivos no Centro de Distúrbios da Audição e Visão (CEDALVI).

¹Projeto financiado pelo CNPq; ²Bolsista PIBIC/CNPq, ³Bolsista CAPES, ⁴Bolsista CNPq

OS DEZ MANDAMENTOS PARA UMA BOA VOZ

DUARTE, B.I.*; TAIRUM, D.A.*; REY, L.I.A.*; CAPOCIAMA, L.G.*;
FGA. VAZ-PEDRO, M.T.F.A.**

Centro Universitário Lusíada - Santos

A realização desse trabalho, visa a conscientização da população em relação a prevenção vocal.

Esta prevenção é feita a partir de dez cuidados de higiene vocal, no qual denominamos de: "Os 10 mandamentos", onde exemplificamos com desenhos simples e práticos para que possam ser entendidos e seguidos.

Este tipo de esclarecimento para a população em geral, é de grande importância.

Como consequência, foi realizado um trabalho comunitário, no Sesi de São Vicente/ SP. (Ação Global- 23/maio/98), onde a metodologia utilizada foi a panfletagem e o esclarecimento de dúvidas.

O interesse sobre o tema, abrangeu desde a população até aos profissionais da voz que estavam presentes.(advogados, professores, atores).

O que se notou, foi o desconhecimento do mecanismo da produção vocal e dos agentes agressores da voz.

A apresentação de queixas como: rouquidão, fadiga vocal, voz presa, pigarro e "boca seca", foram constantes principalmente nos profissionais que utilizam a voz como instrumento de trabalho.

Desta forma, vimos que é fundamental uma profilaxia da comunicação oral.

*acadêmicas do 2º ano do curso de Fonoaudiologia da UNILUS-Santos/SP

** orientadora e coordenadora do curso de Fonoaudiologia da UNILUS.

AMAMENTAÇÃO EM BEBÊS PREMATUROS E/OU BAIXO PESO AO NASCER.

SANCHES, M.T.C.**; MONGES, J.S.*; MOREIRA, L.S.*; FAKHORY, S.B.*; RODRIGUES, S.J.*

Centro Universitário Lusíada- Santos

Este trabalho, que surgiu da experiência e contato das alunas do Curso de Fonoaudiologia do Centro Universitário Lusíadas, mediante a realização do Curso de Aleitamento Materno e participação na Liga de Aleitamento Materno, possibilita uma reflexão na forma de alimentação dos recém-nascidos pré-termo e/ou baixo – peso, como também salienta a importante contribuição que o fonoaudiólogo pode exercer no cuidado desses bebês e na promoção do aleitamento materno, uma vez que são apontados por diversos autores a possibilidade destes de serem amamentados, desde que precocemente trabalhados em um programa interdisciplinar.

Serão discutidos padrões quanto a prática de alimentação baseadas em normas propostas pela UNICEF/OMS, relativas aos “10 passos para o sucesso do aleitamento materno”, sendo relatados trabalhos que demonstram o incentivo e a prática da amamentação, mediante propostas alternativas que preconizam a passagem para o peito o mais precocemente possível, dentro das possibilidades de cada bebê.

Mediante a revisão bibliográfica realizada, será salientado que só o aleitamento materno traz alguns benefícios específicos ao RNPT e discutidos aspectos referentes a composição do leite materno. Além de todas as vantagens gerais do aleitamento materno, vários estudos sugerem que o leite de mães de pré termos produzidos nas primeiras semanas de lactação possui composição diferente do leite de mães de RN a termo com maiores vantagens nutricionais adequadas às necessidades do bebê neste período.

Desta forma, a equipe de saúde envolvida na assistência do pré termo deve despender todos os esforços para orientar a mãe a amamentar seu filho, incluindo o fonoaudiólogo.

Conclusão: Este trabalho proporciona bases científicas para contribuição na elaboração de programas preventivos em fonoaudiologia materno-infantil, enfocando o aleitamento materno como prática possível para os bebês de baixo peso ao nascer e/ou prematuros, a qual deve ser promovida e assistida por ações conjuntas de uma equipe interdisciplinar.

* Discentes do Curso de Fonoaudiologia do Centro Universitário Lusíada; membros integrantes da LIAMATER (Liga de Aleitamento Materno – Hospital Guilherme Álvaro/Setor de Fonoaudiologia e Pediatria & Disciplina de Pediatria do Centro Universitário Lusíada – Setor de Neonatologia.

** Fonoaudióloga, Coordenadora do Programa de Fonoaudiologia em Neonatologia do HGA

ESTUDO COMPARATIVO DA AQUISIÇÃO DO ARQUIFONEMA {R} EM PRÉ-ESCOLARES DAS CIDADES DE BAURU E BRASÍLIA.

SILVA, I.M.C*; ARAÚJO, I.O.A*.; PEGORARO-KROOK, M.I.**

Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Odontologia de Bauru/USP

O Brasil apresenta uma grande extensão territorial. Este fato propicia variações regionais ou mesmo sociais da expressão falada do português brasileiro (Cáceres, 1980). O arquifonema {R}, por exemplo, assume várias formas, dependendo da região do falante. Crianças de diferentes regiões adquirem esse fonema de acordo com a variante falada em sua região. A aquisição de todos os fonemas da fala deve estar completa por volta dos 5a6m (Kenney e Prater, 1986). Para isso, as crianças usam processos fonológicos.

Este trabalho objetiva caracterizar como as crianças das cidades de Brasília-DF e Bauru-SP adquirem o arquifonema {R}, determinando diferenças na aquisição, considerando os processos fonológicos utilizados para isso.

Cem crianças de Bauru e cem de Brasília, de ambos os sexos, matriculadas em pré-escolas em ensino particular participaram da amostra. A idade variou de 3a a 5a11m. Os sujeitos foram submetidos às provas de nomeação e repetição de palavras e amostra de fala espontânea, fora da sala de aula.

Concluimos que a aquisição do arquifonema {R} ocorre de forma significativamente diferente com crianças de Bauru-SP e de Brasília-DF. Em cada cidade utilizam-se simplificações fonológicas diversas para tal. Em Bauru ocorreu a substituição do arquifonema {R} por /y/ e omissão. Em Brasília não houve ocorrência de substituições, somente omissões. Os indivíduos apresentaram aquisição do arquifonema na idade esperada. O domínio do vocabulário aumentou com a idade.

* Autoras

** Orientadora

A HABILIDADE DA CONCIÊNCIA FONOLÓGICA EM CRIANÇAS DA PRÉ-ESCOLA À 3 SÉRIE

MENDES, E.L.*; PINHEIRO-CRENITTE, P.A.**

Universidade do Sagrado Coração - Bauru

Segundo Martins (1996), a "Consciência fonológica é a chave para aprender a ler línguas com ortografias alfabéticas". A consciência fonológica de pré-escolares prevê sua habilidade posterior de leitura tão bem ou melhor do que qualquer outra variável.

A prova de consciência fonológica visa avaliar a capacidade da criança em ignorar o significado da palavra, se atendo apenas à sua estrutura, e conseguir manipular a estrutura fonológica de uma palavra.

O objetivo deste trabalho foi avaliar a habilidade da consciência fonológica em pré-escolares e escolares, relacionando-a com o grau de dificuldade no aprendizado da leitura e escrita, visto que a maioria das crianças apresentam dificuldade na associação fonema-grafema.

Nesta pesquisa, foram analisadas 30 crianças, sendo 15 em idade pré-escolar (5-6 anos) e 15 em idade escolar (7-9 anos), que frequentam a Creche Evangélica Bom Pastor.

As crianças foram submetidas à prova de consciência fonológica de SANTOS e PEREIRA (1994); que consiste em 10 subtestes, cada um composto por 4 itens. Os subtestes são: síntese silábica e fonêmica, rima, aliteração, segmentação silábica e fonêmica, manipulação silábica e fonêmica, transposição silábica e fonêmica. A aplicação dos testes ocorreram em uma sala reservada, na própria creche, em sessões individuais que duraram em média 25 minutos. A avaliadora também analisou a amostra gráfica das crianças.

Foi possível constatar que tanto as crianças pré-escolares, quanto as escolares apresentaram maior dificuldade em realizar a prova de transposição fonêmica e menor dificuldade em realizar a prova de síntese fonêmica.

* Graduanda em fonoaudiologia

** Docente do curso de Fonoaudiologia - USC

Professora convidada do curso de Fonoaudiologia da FOB-USP

Doutoranda em Neurociências, pela UNICAMP

EFETIVIDADE DA PROPORÇÃO HARMÔNICO-RUÍDO NA AVALIAÇÃO VOCAL DE INDIVÍDUOS FISSURADOS

MINATEL, E.*; RUIZ, D.M.C.F.**; FREITAS, J.A.S.**

*Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Odontologia de Bauru/USP
Hospital de Reabilitação das Anomalias Crâniofaciais/USP*

A análise acústica da voz oferece informações concretas que podem ser comparadas às de outros falantes ou do mesmo indivíduo, em diferentes situações. O parâmetro Proporção Harmônico-Ruído (PHR) apresenta um valor que relaciona o componente harmônico com o componente ruído da onda acústica, o qual seria, segundo vários autores, influenciado por diferentes tipos e graus de disфония, possibilitando sua quantificação. Investigou-se a efetividade deste valor na avaliação das vozes de indivíduos portadores de fissura palatina, com característica perceptiva de hipernasalidade, utilizando um programa computadorizado "Doctor Speech". Este grupo foi escolhido por apresentar, em geral, rouquidão, aspereza, sopro, características que podem repercutir nos parâmetros acústicos vocais. Uma análise objetiva foi realizada a partir da amostra vocal de 49 pacientes fissurados do Hospital de Reabilitação de Anomalias Crânio Faciais (HRACF), USP-Bauru. Comparando-se ao grupo-controle de 25 indivíduos sem alteração vocal, foram obtidas as respectivas médias: 18,04dB e 22,19dB. Embora sejam valores superiores aos encontrados na literatura, este estudo mostrou a relação existente entre este parâmetro e as alterações na qualidade vocal, no caso, a hipernasalidade, uma vez que as vozes patológicas apresentaram média inferior de PHR. Como os valores de ambos os grupos mostraram-se dentro da normalidade, o emprego desse parâmetro teria maior efetividade na avaliação intra-sujeito. Enfocou-se, também, a necessidade da associação deste a outros parâmetros vocais e à avaliação perceptivo-auditiva para uma análise mais efetiva da voz.

* Projeto financiado pelo CNPq (PIBIC) - Curso de Fonoaudiologia FOB/USP

**Hospital de Reabilitação das Anomalias Crânio Faciais de Bauru (HRACF/USP)

A INCIDÊNCIA DOS DISTÚRBIOS DA COMUNICAÇÃO HUMANA EM 312 CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES DA CIDADE DE LORENA, ESTADO DE SÃO PAULO

ABDALA, D.D.; GONZAGA, P.M.S.; PINTO, T.H.; RANGEL, C.M.P.C.; RODRIGUES, I.P.; SACALOSKI, M.

Faculdades Integradas Teresa D'Ávila - Lorena

O objetivo do presente trabalho foi o de caracterizar a população infantil de duas pré-escolas públicas municipais da cidade de Lorena - SP e propor um plano de prevenção fono-audiológica para as pré-escolas, creches e unidades básicas de saúde.

Para obtenção dos dados, foram analisadas as informações coletadas em uma triagem individual realizada em 312 indivíduos com idades variando de 3 a 7 anos, envolvendo aspectos referentes aos OFA, FNV, domínio do código oral, domínio do código gráfico, ACL e voz. Tal procedimento foi aplicado às crianças por alunas do terceiro ano de fonoaudiologia no 1º semestre de 1997 e sua análise foi feita por alunas do 4º ano de 1998, que também realizaram a triagem.

Os materiais utilizados para a triagem foram: miniaturas (objetos da casa, meios de transporte, animais domésticos e selvagens), instrumentos sonoros, figuras para discriminação visual, fichas de leitura (Emília Ferreiro), entre outros.

Observou-se que a maioria dos indivíduos estudados, independente da faixa etária e escolaridade apresentou alterações dos OFA (36,5%), nas FNV (23,3%) e na fala (32,6%).

Frente a essas constatações elaboramos um programa de prevenção fonoaudiológica e o apresentamos para a prefeitura de Lorena - SP. Tal programa abrange atividades e ações envolvendo pais, professores, ADIs e funcionários da Saúde, numa parceria entre as Secretarias da Saúde e Educação.

Desta maneira acreditamos que possa ocorrer um processo preventivo dos distúrbios da comunicação humana que seja mais efetivo, evitando o agravamento das alterações que atualmente são encontradas.

ESTUDO DE UM CASO DE ENCEFALOMIOPATIA MITOCONDRIAL

GARDENAL, M.; LAMÔNICA, D.A.C.; HANISCH, K. F. A.

Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Odontologia de Bauru/USP

O presente estudo apresenta um caso clínico de uma paciente com diagnóstico de Encefalomiopatia Mitocondrial, atendida na Clínica de Fonoaudiologia.

Atualmente, a paciente está com 64 anos apresentando em seu quadro as seguintes características: deterioramento mental progressivo, perda auditiva neuro-sensorial bilateral e debilidade muscular. Estas manifestações clínicas correspondem à Síndrome de Encefalomiopatia Mitocondrial com acidose láctica e episódios similares a acidentes vasculares encefálicos (MELAS).

Este trabalho tem como objetivo descrever os elementos que caracterizam a síndrome e relacioná-los com a história da paciente e com os achados das avaliações: audiológica, fisioterápica respiratória e de linguagem. Será discutida a abordagem terapêutica adotada para o caso.

DISFAGIA OROFARÍNGEA EM INDIVÍDUOS COM PARALISIA CEREBRAL: IDENTIFICAÇÃO DE SINAIS CLÍNICOS DA FASE FARÍNGEA QUE CARACTERIZAM-SE COMO INDICADORES DE RISCO PARA A EFICIÊNCIA DA DEGLUTIÇÃO.

SHIBAYAMA, M.T.¹; PIERONI, R.¹; RENZO, G.B.¹; SOUSA, A.²; BRASIL, R.C.³; SILVA, R.G.⁴

Universidade Estadual Paulista - Campus Marília

O objetivo deste trabalho foi identificar sinais clínicos da fase faríngea da deglutição, de indivíduos portadores de paralisia cerebral com disfagia orofaríngea, que caracterizam-se como indicadores de risco para a eficiência deste processo.

Foram avaliados 17 indivíduos, sendo 10 do sexo masculino e 7 do sexo feminino, com faixa etária variando de 6 a 32 anos. Estes indivíduos apresentavam paralisia cerebral espástica tetraparética e diparética e déficits cognitivos que variaram de leve a severo classificados pela avaliação neurológica da Instituição.

A avaliação dos indivíduos foi realizada por meio do protocolo Rogs modificado, utilizando-se consistências e volumes padronizados e por meio de observação "in locus" realizada durante a refeição.

Na avaliação funcional observou-se que 82,35% dos indivíduos apresentaram redução na elevação da laringe e 52,0 % apresentaram alteração da ausculta cervical. A presença de tosse, portanto de penetração laringea audível, foi identificada em 47,05% dos casos.

Desta forma, identificamos a presença de alguns sinais clínicos da fase faríngea que sinalizaram a presença de penetração laringea e podem sugerir risco de aspiração. Considerando no entanto que estes achados da fase faríngea são melhor identificados durante a avaliação instrumental, sugerimos que estes dados clínicos sirvam para alertar o avaliador da necessidade de exames mais objetivos.

¹ Discentes do 3º Ano do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Estadual Paulista UNESP/Campus de Marília-SP;

² Fonoaudióloga do Centro de Atendimento ao Excepcional da Universidade Estadual Paulista-UNESP/Campus de Araçatuba e da Associação de Amparo ao Excepcional "Ritinha Prates" de Araçatuba-SP;

³ Fonoaudióloga do Centro de Atendimento ao Excepcional da Universidade Estadual Paulista-UNESP/Campus de Araçatuba-SP;

⁴ Docente do Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Estadual Paulista-UNESP/Campus de Marília.

CARACTERIZAÇÃO DA FLUÊNCIA EM INDIVÍDUO PORTADOR DE SÍNDROME DE DOWN: ESTUDO DE CASO

NEVES, L.L.V.*; TEIXEIRA, J.R.*; MISQUIATTI, A.R.N.**; OLIVEIRA, C.M.C.**

Universidade Estadual Paulista - Campus Marília

A Síndrome de Down (S.D.) tem sido constantemente estudada por profissionais de diferentes áreas, na tentativa de proporcionar melhores condições de vida ao indivíduo portador e procurando criar programas de intervenção precoce facilitando a adequada reabilitação a esses sujeitos. As crianças com S.D. têm um atraso no desenvolvimento global, que se manifesta também na aquisição da linguagem. Este trabalho teve como objetivo realizar um estudo com um indivíduo do sexo masculino, C.R.P.B., com 16 anos, que realiza atendimento fonoaudiológico na Clínica de Fonoaudiologia da Unesp-Marília desde abril de 1993. Neste período o trabalho que vinha sendo realizado enfocava o desenvolvimento da linguagem e atualmente o menor realiza atendimento na Oficina de Leitura e Escrita. Para avaliar a fluência foi elaborado um protocolo de avaliação contendo dados de identificação e específicos da fluência. Utilizamos a conversa espontânea e descrição de figuras para a coleta da amostra de fala, e filmamos toda a avaliação. Os resultados demonstraram a presença de alteração da fluência caracterizada por repetições de sílabas e de palavras, hesitações, prolongamentos, bloqueios e movimentos associados. Portanto verifica-se a importância de se realizar a avaliação da fluência em indivíduos com S.D. para poder oferecer uma conduta terapêutica mais adequada.

* Discentes do 4º ano do Curso de Fonoaudiologia da UNESP

** Docentes do Curso de Fonoaudiologia da UNESP

**SEMIOLOGIA AFÁSICA: SINAIS E SINTOMAS QUE
COMPROMETEM A COMUNICAÇÃO**

LAMÔNICA, D.A.C.*; MARANHE, E.A.**

USC / FOB-USP / UNICAMP

O objetivo deste estudo foi identificar a prevalência dos distúrbios da comunicação decorrentes de acometimentos neurológicos ocorridos durante a adolescência ou fase adulta.

Foram sujeitos deste estudo 93 indivíduos de ambos os sexos de idade variando de 12 a 91 anos.

Os dados foram coletados a partir da análise das avaliações de linguagem realizadas durante o Estágio Supervisionado em Distúrbios da Linguagem em Adolescentes e Adultos.

Os resultados revelaram que todos os sujeitos apresentaram algum tipo de alteração da expressão oral (65,59% de alterações sintática e/ou semântica e/ou de fala, 16,13% mutismo, 10,75% estereotipia, 6,45% jargão e 1,08% ecolalia). Quanto à recepção, 48,39% apresentaram alterações consideradas leves (21,51%), moderadas (15,05%) e severas (11,83%).

Acreditamos que com o conhecimento da semiologia afásica podemos refletir e testar estratégias que sejam efetivas no processo de reabilitação.

* Universidade do Sagrado Coração e Faculdade de Odontologia de Bauru – USP.

**Fonoaudióloga clínica e aluna especial do Curso de Lingüística do IEL/UNICAMP